



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Pragas do Brasil

Organizar dez pragas terríveis para causar estragos profundos e pânico geral foi, segundo o Livro do Êxodo, a fórmula encontrada por Deus Todo Poderoso para convencer o faraó Ramsés II a libertar o povo hebreu do Egito.

Foi uma tragédia para ninguém botar defeito. Em matéria de brutalidade foi algo dantesco, mas que produziu o resultado desejado. Óbvio que não restou ao faraó senão deixar os hebreus seguirem seu destino.

As pragas determinadas pelos céus começaram com a transformação da água do emblemático rio Nilo em sangue e prosseguiu num crescendo por invasões de rãs, piolhos, moscas, mortandade do gado, chagas, chuva de pedras, nuvens de gafanhotos, trevas e morte dos primogênitos.

Foi tudo muito radical.

Ah, sim, entenda-se por praga uma ferida, uma maldição, calamidade, cataclismo, desastre, estrago, mau exemplo. É algo que incomoda, que acaba com a normalidade no ambiente de convivência coletiva, gera sempre algo negativo que, em regra, castiga os mais frágeis e inocentes. E não permite o funcionamento eficiente e adequado de instituições chaves para nosso desenvolvimento econômico e social.

O Brasil (quem sabe por que cargas d'água?) foi assolado por algumas pragas que impede de usufruirmos do potencial maravilhoso que nosso território, clima, subsolo, solo e outras incontáveis vantagens comparativas oferecem.

Desde logo diga-se que nenhuma foi enviada pelos céus!

Aparentemente nossa lista de pragas não chegar ser tão grande quanto às do Egito, mas algumas causam mais estrago do que uma nuvem de gafanhoto em lavoura de milho!

Esse é o caso da corrupção que, sem força de expressão, sonega até alimentos às crianças. A coisa é tão destrambelhada que há quem diga que de cada real que deveria ser aplicado no serviço público, cerca de 50 centavos são desviados.

Na realidade, a corrupção vale por umas quatro pragas aplicadas no Egito.

Um mergulho no histórico da nossa corrupção vai mostrar que tanto faz o governante de plantão ser de esquerda ou de direita, essa prática viceja com leveza e muita rapidez em todos os matizes ideológicos.

E que tal a casta de privilegiados conhecida como "marajás"? Gente que trabalha como cigarra e ganha como se estivessem em País riquíssimo! É um tipo que se apossa da máquina pública, dos escaninhos do aparato do Estado e vai enchendo o bolso com a grana que falta para o essencial na manutenção de serviços básicos.

Interessante como países pobres e miseráveis da América Latina e da África se especializaram em cultivar essa espécie com esmero invejável. Mais interessante ainda é como essa espécie – como no caso da corrupção – se desenvolve em quaisquer circunstâncias, sejam estas levadas adiante por gente de esquerda ou de direita.

Na relação das nossas pragas sem dúvida podemos incluir a impunidade, as drogas, a violência/criminalidade, a intolerância, o populismo...

A questão primordial é que não possuímos condições de radicalizar e exterminar com tais pragas de hora para outra. O máximo que podemos fazer é apelar para que a nova geração (a minha só ficou no blábláblá) trate essas pragas com "venenos" mais eficientes já a partir desde emblemático 2020...



Ivaldino Iasca

itasca@uol.com.br

Porta dos Fundos e a liberdade de expressão

Em nossa evolução, desde que nossos ancestrais descem das árvores, usam o polegar, tornam-se erectos, ganham massa cinzenta pela comilança de proteína animal cozida e começam a falar a liberdade de expressão está entre nossas maiores conquistas.

Assim não há qualquer dúvida: a garotada do Porta dos Fundos tem o direito de falar o que quiser, na hora que quiser, como quiser. E quem se sentir ofendido não tem o direito de utilizar qualquer violência como represália por algo que não gostou. Isso é o básico. Fora disso não há salvação e a história recente prova tal assertiva à exaustão.

Outra conquista de magnitude impar da civilização é o direito de ir e vir. Ou seja, poso me mover para qualquer lugar, no trajeto que escolher, na hora que quiser. Hoje em dia nem as fuinhas (por que a fuinhas?) discordam dessas obviedades.

É bem simples, no pau ferro: falo o que quiser, vou onde quiser e ponto final!

Porém, no mundo real, aonde a vida nasce, cresce e fenece o caminho que percorro e o que falo trazem consequência que nem estruturas da sociedade moderna conseguem evitar. Por que? Por causa do outro. Não estou só, meu direito não se dá no vácuo, tem milhões de outros que pensam diferente e se sentem no mesmo direito!

Em tudo tem algo embutido: respeito!

Tenho direito de caminhar sozinho à noite em qualquer lugar? Obvio que sim. E se alguém me assaltar? E se alguém estuprar a moça que só usa o direito de caminhar pela madrugada? Caracas, o Estado não garante o meu direito de andar por qualquer lugar a qualquer hora?

O cidadão pode dizer qualquer coisa (no caso em tela) de Jesus? Claro que pode! Mas deve fazer isso sem medir as possíveis consequências! Isso é questão de bom senso quando se entra no território da fé, palavra cujo conteúdo pode amansar ou atizar a besta fera que somos! Fé é "sentimento de total de crença em algo ou alguém, ainda que não haja nenhum tipo de evidência que comprove a veracidade da proposição em causa. Ter fé é comprometer-se com Deus". Cerca de 4 bilhões de pessoas são movidas pela fé, inclusive os terroristas!

No território da religião a fé, diz o sacerdote, é a força sobrenatural que precisamos para alcançar a salvação. Em Hebreus 11:1 está escrito: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem".

E tem milhares de anos que Jesus é a essência fé e da manutenção de própria vida para milhões. Em Romanos 10:9-14 é dito: "Se, com tua boca, confessares que Jesus é Senhor, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo! ". O evangelista João acrescenta: "Esclareceu-lhe Jesus: Eu Sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, mesmo que morra, viverá. " Para não alongar vamos a Atos 2:38: "Orientou-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em o nome de Jesus Cristo para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. "

Quando zombo, debocho, faço pouco, ridicularizo a fé de milhões em personagem como Jesus que tipo de respeito tenho com eles? Que contribuição estou dando para melhorar a vida das pessoas de fé e para a harmonia social? Num mundo tido como materialista é saudável dar um pontapé na transcendência?

Claro que a garotada do Porta dos Fundos tem TODO o direito de fazer humor negro com Jesus mas isso, para milhões, é coisa de moleque e, para alguns, infelizmente, significa cutucar a besta fera com pau curto.

Pelo sim, pelo não, viva a liberdade de expressão!



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Medalhista do Irã desertou: Deus não fala com mulher?

A única mulher medalhista olímpica do Irã, Kimia Alizadeh anunciou "em sua conta em rede social que desertou do Irã. A lutadora de tae-kwon-do se descreve como uma das milhões de mulheres oprimidas no Irã ao relatar as pressões que sofria do governo iraniano".

Eis outro fato que nos obriga refletir sobre a situação da mulher hoje em dia!

Aos 21 anos criticou a "hipocrisia, a mentira e a injustiça que imperam no sistema político iraniano. O que eles disseram, eu vesti. Todas as frases que eles pediram, eu repeti. Eles colocaram minhas medalhas no véu obrigatório e a atribuíram à sua administração e tato. Somos ferramentas deles. Apenas essas medalhas de metal são importantes para a compra e a exploração política a qualquer preço que eles mesmos tenham fixado".

É espantoso isso? É, mas em pleno terceiro milênio oprimir, violentar, desrespeitar, denegrir a mulher não é algo exclusivo do Irã.

O Brasil está no nível dos países (nos cinco continentes) que precisam entrar em estágio civilizado quando se trata da questão. Os registros de estupros, surras, humilhações e assassinatos durante o ano que passou (inclusive contra crianças) nos deixam atônitos.

Há complexidade maior no mundo árabe, pois apesar da base da religião ser tolerante a interpretação radical das escrituras gera e até justifica a brutalidade. A situação do Irã e outros países teocráticos é peculiarmente trágica para a mulher porque ditadores religiosamente fanáticos se dizem representantes de Deus. E essa diferença é particularmente atroz eis que a superestrutura integra o aparato que faz da mulher um objeto qualquer.

A interpretação radical do Alcorão, livro Sagrado do Islã, não só trata a mulher como ser inferior como sustenta o assassinato em massa das organizações terroristas (vide Bin Lade).

O colombiano Mansour Chalita, autor da melhor tradução do livro escreveu: "o mundo do Alcorão é um mundo masculino. Deus fala aos homens e fala-lhes das mulheres". Incrível, estonteante: "Deus não fala com mulher"? Não, em assunto de homens mulher não se mete...

Já pensaram um conceito desses nas mãos de um aiatolá que governa com mão de ferro? No capítulo 3, versículo 14, do livro sagrado tirano deita e rola: "Deus concede a sabedoria a quem Lhe apraz. E quem a recebe a sabedoria, recebe um bem incomensurável. Mas só o percebem os homens de bom entendimento."

Coisa dessa envergadura estão em outros livros sagrados, como o Novo Testamento do católico; "O homem não deve cobrir a cabeça, porque ele é a imagem e a glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criação para o homem (Coríntios 11, 7, 8, 9)".

Ou ainda: "Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos". Menos mal que entre nós teocracias não vingaram. A coisa mais maluca tentada nestas bandas foi a tal da Teologia da Libertação que, felizmente, não prosperou.

Esse caso da atleta Kimia Alizadeh deve botar mais do que gasolina no fogo aceso pela mulher daquela parte do mundo. Não tem dois anos a Arábia Saudita fez concessão estrepitosa: expede carteira de motorista para mulheres dirigirem em seu território...



CONTRAPONTO

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Genocidas amados e genocidas odiados

Tem poucos dias o secretário nacional de cultura Roberto Alvim pisou na bola ao usar frase de Joseph Goebbels (expoente do nazismo) ao anunciar providências novas que adotaria em sua área.

Caiu a casa, uma gritaria (felizmente) ensurdeceu os brasileiros. Afinal, jamais podemos esquecer o genocídio que a turma do Hitler produziu. As reações foram contundentes e o presidente Bolsonaro exonera o cidadão. Coisas da democracia!

Tem poucos dias, a deputada federal pelo PSOL do Rio de Janeiro, Taliria Petrone, publicou elogios ao comunista Vladimir Lenin outro grande genocida (junto com Joseph Stalin quase encabulou Hitler) e tudo ficou por isso mesmo.

A parlamentar escreveu o seguinte na internet: “Há 96 anos perdíamos Lênin, o principal líder da revolução russa de outubro de 1917. O cara que ousou substituir o poder do Czar, o Rei, pelo de Conselhos de Operários, Soldados e Camponeses - os Soviats. A revolução foi traída, mas Lênin, pelo exemplo e pelos escritos, é eterno!”

E o que aconteceu? Não caiu a casa e o silêncio ensurdecedor ainda vigora.

Bom “exemplo” de Lenin está no terror que impõe a partir de 1918 na ex-União Soviética. Ele queria exterminar o agricultor rico, chamado de kulak e em 10 de agosto envia ao Soviete de Penza um telegrama: “Camaradas! O levante kulak nos cinco distritos de sua região deve ser esmagado sem piedade. Os interesses de toda revolução o exigem, pois a “luta final” com os kulaks está doravante engajada em toda parte. É necessário dar o exemplo: 1) Enforcar (e digo enforcar de modo que todos possam ver) não menos do que 100 kulaks ricos e notórios bebedouros de sangue; 2) Publicar seus nomes; 3) Apoderar-se de todos seus grãos; 4) Identificar os reféns do modo como indicamos no telegrama de ontem. Façam isso de maneira que a cem léguas em torno as pessoas tremam, compreendam e digam: eles matam e continuarão a matar os kulaks sedentos de sangue. Telegrafem em resposta dizendo que vocês receberam e executaram exatamente estas instruções. Seu, Lênin. P.S. Encontrem as pessoas mais fortes.”

Conforme o “Livro negro do comunismo”! Editora Bertrand Brasil nesse diapasão, por ordem do eterno líder em poucas semanas os comunistas matam mais pessoas do que todo o império czarista havia condenado a morte (6.321) em 92 anos.

Realmente essa eficiência de nazistas e comunistas matarem é impressionante mas a assimetria julgamento assusta.

Esse já se tornou o fato mais comum, mais bisonho, entre nós brasileiros, ou seja; nos esgoelamos para condenar com veemência os genocidas nazistas e fascistas (o que deve ser aplaudido) e absolvemos com o silêncio hipócrita, insano, com palavras bonitas e raciocínios esquisitos os genocidas comunistas e socialistas.

Tal postura, estranha, para não dizer outra coisa, gera a impressão que estamos divididos entre os genocidas que amamos e genocidas que odiamos. Parece que temos ditadores de estimação. Os mesmos que condenam a ditadura brasileira com razão (como a turma do Lula e da Dilma) aplaudem, apoiam a ditadura comunista cubana (numa inexplicável insanidade). Doutores em história condenam a ditadura brasileira e defendem com palavras bonitas, em sala de aula, Lenin e Stalin.

Há quem diga que isso é típico de quem chegou ao patamar de entender a natureza humana tão somente pelos rótulos de esquerda e direita. Será? Mas não tem como negar: é deprimente.



CONTRAPONTO

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Embalagens de agrotóxicos: Passo Fundo fez escola

É possível dizer que desde o início dos anos de 1970, quando nossa agricultura dá passos fortes para utilização de novas tecnologias (sementes, fertilizantes, máquinas, calcário, modo de uso do solo), no embalo da Revolução Verde (gestada pelo grupo Rockefeller), os agrotóxicos estão em pauta no Brasil.

Éramos país que cultivava soja para alimentar porcos e trigo em terras de matos (quem ousou semear em campo de barba de bode é a família Goelzer, ali do Butiá) e que nos anos de 1960 até recebeu alimentos da Aliança Para o Progresso do Tio San.

Nessa época (a EMATER e a EMBRAPA, esta cria do regime militar, tiveram papel vital) entramos em nova e o país se torna um dos principais produtores de carne e grãos do Planeta.

A realidade global na produção de alimentos (embora ainda a fome de milhões de por culpa de governos tiranos e incompetentes) muda radicalmente e sepulta a catastrófica teoria do pastor Thomas Malthus de que a população crescerá em ritmo geométrico e a produção de comida ao nível aritmético.

O ponto mais polêmico dessa impressionante evolução (a genética também teve combatentes) envolve os agrotóxicos, ou agroquímicos, ou defensivos químicos no linguajar de alguns ou simplesmente veneno como expressam os mais radicais.

Trata-se, realmente, de algo interessante a ser sopesado no frenético debate eis que a diferença entre um veneno e um remédio é apenas a dose.

Nesse contexto, um dia de 1996 o prefeito Osvaldo Gomes é instado a verificar “in loco” denúncia do acúmulo de embalagens de agrotóxicos no Rio Passo Fundo. Ele já vinha matutando sobre questão eis que como produtor rural estava com grande estoque das tais embalagens num galpão da sua propriedade.

O que fazer? - começou a indagar a torto e a direito o prefeito!

A pergunta desencadeia processo que culmina na construção, no Distrito de São João da Bela Vista, a partir de 1997 (na gestão do prefeito Júlio Teixeira), do que conhecemos por Cinbalagens: local destinado a estocar e dar destino correto a embalagens vazias de agrotóxicos recolhidas no meio rural numa ação que envolve fabricante dos produtos, revendedor, assistência técnica, prefeitura, cooperativas, sindicatos rurais e, óbvio, o agricultor.

No início dirigida por Gilberto Gomes e a seguir por Sandra Rodrigues a unidade pioneira expande sua ação pelo Norte, depois pelo Estado e se torna exemplo nacional.

Agora, no dia 30 de janeiro, em ato especial em Passo Fundo, com representações de 19 estados a ousada e eficiente Sandra assume como primeira presidente da Federação Nacional das Associações de Centrais e Afins – FENACE – consolidando o Brasil em primeiro lugar no mundo na destinação final correta das embalagens vazias de defensivos agrícolas, impactando positivamente o meio ambiente e a saúde pública.

Assim como fez escola na saúde e educação Passo Fundo faz escola em questões ambientais e segue a grande lição de Antoine Laurent Lavoisier pai da química, para quem “na natureza nada de cria, nada se perde, tudo se transforma”. As embalagens recolhidas se tornam matéria prima para tubos de esgoto, caixa de baterias de carros, cruzeta de posta de luz, duto corrugado e até novas embalagens...



CONTRAPONTO

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Padre Elli Benincá, uma trajetória ímpar

O que NÃO aconteceu nos anos de 1960 para consolidar mudanças?

Fazer tal pergunta é algo inevitável ao escrever sobre o padre Elli Benincá, que faleceu no último dia 7 de fevereiro, aos 84 anos.

Um jovem oriundo da roça ordenado sacerdote em 1965 teve trajetória ímpar em Passo Fundo, embora poucos saibam, e as mutações da década de 60 sempre estiveram em pauta, quer como filósofo ou teólogo, nas salas de aulas ou reuniões que fazia com futuros educadores e jovens militantes da ação católica.

(Um parêntese: Padre Elli, padre Alcides Guareschi e Padre Anacleto Zafari formaram um trio vigoroso no trabalho com jovens católicos em Passo Fundo).

Para ter postura lúcida, válida e inserida no contexto, conforme jargão da época o educador tinha que ter boa compreensão da realidade e visão de futuro. Benincá, desde logo, se insere na proposta de “aggiornamento” (atualização diante dos novos tempos) que move o Papa João XXIII ao realizar o Concílio Vaticano II – que viria revolucionar a Igreja Católica no mundo mas, de modo muito especial, na América Latina.

Dentro dessa “nova” visão da Igreja, atento, se move com a humildade dos sábios, desenvoltura, serenidade, responsabilidade entre os jovens que integravam o que chamam a nova Ação Católica (redirecionando a linha dessa pastoral fundada em 1929 pelo Papa Pio XI), ou seja, o conjunto de atividades visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato (estudantes, operários, agricultores) e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja.

Se uma instituição tão antiga, dogmática, sólida fala em “aggiornamento” o que pensar do restante da sociedade na época sob os efeitos da segunda guerra e de novas tecnologias? Pois é, parecia que o fim do mundo chegara. Não poucos dizem que foi o sepultamento da inocência! A pauleira se generalizou no comportamento, vestir, música, teatro, sexo, comunicação e a chegada da droga. Lembram da expressão “é proibido proibir”? Crescem a revolução feminista e os movimentos civis em favor de negros e homossexuais. Este foi o mundo que exigiu o “aggiornamento” por parte do Papa.

E o terreno onde Padre Elli Benincá teve de atuar como sacerdote e educador e teve, ainda, outros percalços agindo na mente dos jovens: a revolução cubana, a ditadura militar brasileira, a revolta estudantil de 68 em Paris, a descolonização da África, Guerra do Vietnam, a proliferação de grupos de esquerda propondo a luta armada no Brasil.

Dotado de capacidade de trabalho ímpar e dedicação sem limite à sua missão, ele esteve ainda entre os que foram vitais para consolidar o ensino superior em Passo Fundo, desde da Faculdade de Filosofia do então Consórcio Universitário Católico e, depois como professor e diretor da Faculdade de Educação e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UPF. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Educação, ajudou na criação do Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa), do qual foi seu primeiro diretor.

Seu relevante e dedicado trabalho em favor da educação foi inclusive reconhecido pela Academia Passo-fundense de Letras, onde recebeu homenagem especial.

Lá por 1981, Guareschi é cogitado para reitor da UPF e seu nome é boicotado sob alegação que o regime militar prejudicaria a instituição se ele fosse eleito. Inconformado Benincá age e pede minha colaboração. Um texto que publicamos sob o título “Caça às bruxas, a abertura não chegou à Universidade de Passo Fundo” zera tal “oposição.”

Com ética, inquebrantável vocação de servir, estoicismo incomum e aquela fé que move montanhas o padre Elli Benincá foi um ser humano que serviu a Deus e aos homens de forma exemplar. Ficam seus exemplos e, tenho certeza, Passo Fundo agradece!

**co**DIÁRIO DA MANHÃ - PASSO FUNDO E CARAZINHO,
TERÇA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 2020**Ivaldino Tasca**

itasca@uol.com.br

Ambiente: está ao nosso alcance evitar catástrofes

Ao analisar alguns acontecimentos trágicos – secas prolongadas e excessos de chuva – podemos concluir que chegou o momento de tratarmos da questão ambiental sem a visão catastrófica de que o mundo vai terminar.

Enquanto a crucial questão do aquecimento global divide a opinião de cientistas e governantes deixamos de colocar em prática medidas que estão ao nosso alcance e podem dar mais tranquilidade e melhorar nossa qualidade de vida.

Não se trata de descuidar de questões macro como o excesso de gás carbônico no Planeta, pois o CO₂ retém calor nas camadas mais baixas da atmosfera desequilibrando o clima (aumentando as temperaturas médias) e tornando mais ácida a água do mar. Se trata, sim, de dar maior importância e agir ao que está perto e afeta a vida da coletividade.

Já somos muitos – e a população continua aumentando – com o que impactamos de forma continuada e mais vigor a natureza e ela cobra sem piedade nossos equívocos.

Nesse contexto podemos ressaltar que independente da crise que afeta o acordo de Paris sobre o clima a responsabilidade para manter limpa a água de rios – como os da Várzea, do Jacuí e do Passo Fundo – e lagos onde vivemos é de cada um de nós.

O Brasil tem se destacado como construtor de esplendorosos estádios de futebol (que depois nem são usados) e de pífia preocupação com saneamento básico. E isso ocorre mesmo nos “governos de esquerda” – tidos como atalaias do ambiente.

Nos penalizamos com a podridão da água que chegou às torneiras do carioca, mas a pergunta que fica é simples: isso podia ter sido evitado? Há quantas décadas estamos remando com as obras para evitar que dejetos humanos emporcalhem o Rio Passo Fundo? Diz a ONU que, no atual ritmo, em 50 anos os oceanos terão mais plástico do que peixes.

Precisamos esperar que a ONU remeta orientações revolucionárias para manter o lixo longe das ruas ou tudo é mais fácil, bastando que cada um de nós faça a sua parte?

Independente das opiniões dos cientistas sobre o aquecimento global as barragens que proliferam Brasil a fora, sempre podem causar estragos, prejuízos, mortes e dor ao se romperem por causa de projeto mal feitos ou inexistência de manutenção adequada.

Secas prolongadas, como as do Rio Grande do Sul e chuvas torrenciais, como as de Minas Gerais e Espírito Santo, São Paulo, Porto Alegre, foram manchetes pelo estrago, mas São Pedro não tem culpa nisso! Vejam no caso de Minas: chuva de igual intensidade dessa que fez dezenas de mortes e quase um bilhão de prejuízo foi registrada em 1910. Por quais motivos os estragos foram tão violentos agora? Quais foram os erros cometidos daquela época até hoje?

O que dizem os estudiosos sobre a falta de água que castigou o Rio Grande?

O cidadão (em especial prefeito, governador, presidente, legislador, investidor) precisa adotar com urgência – pensando nas futuras gerações – visão estratégica quando, de modo inevitável para nossa sobrevivência, impactamos solo, água, flora e fauna.

Não há outra saída, só postura mais técnica, mais racional, em relação ao meio ambiente, pode evitar que nossos descendentes sofram catástrofes piores do que as atuais. Óbvio que iniciativas como o Acordo de Paris e estudos sobre queimadas na Amazônia são indispensáveis mas isso não deixa de exigir que façamos o que estiver ao nosso alcance para tornar o ambiente do qual dependemos mais íntegro. Sem que cada um faça sua parte tudo será muito pior...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Estamos criando ambiente para o capital se expandir?

Andei meditando se o presidente Bolsonaro está fazendo a coisa certa para que o capital – local ou internacional – nos tire do buraco e acabei voando. Desde logo vamos dizer que seria insano culpá-lo pelas dificuldades econômicas do País apesar da sua língua frouxa, às vezes, gerar confusão e discussões inúteis.

Meditar é importante porque o capital é um bicho sebastoso, indomável e ao mesmo tempo simples, assim todo cuidado com ele é pouco! Ele não gosta de confusão, das coisas tidas como instáveis e é fissurado na tal de segurança institucional. Coisa que tem nos faltado nos últimos anos.

Na semana passada, depois de um rosário de bobagens o presidente teve um surto de bom senso e encheu a bola do Ministro Paulo Guedes (alguns entenderam como puxão de orelha), a quem cabe a espinhosa missão de tentar tirar o Brasil do atoleiro. Isso vai aumentar a confiança na área econômica?

Conforme a Superinteressante a busca de convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, diversos artigos foram usados com essa finalidade (chocolate entre astecas, bacalhau seco entre noruegueses da Idade Média e mulheres escravizadas entre os antigos irlandeses). Já a criação da moeda metálica com valor padronizado pelo Estado vem dos gregos do século VII a.C.: “Foi invenção revolucionária. Facilitou o acesso dos mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, diz a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da USP.

Tanta coisa acontece desde então que quase mil anos depois o ex-todo poderoso Ministro da Economia do Brasil, Delfin Neto diria que “a parte mais sensível do corpo humano é o bolso.”

Quanta ironia nesse processo em que o pensador católico diz que é mais fácil o camelo passar pelo fundo do buraco da agulha do que o rico (quem tem capital?) entrar no reino dos céus e o protestante edifica uma ética bem diferente e seus adeptos não esqueceram Deus e estão em melhor situação quando se trata de grana.

E, afinal, quantos países aprenderam a lidar com o dinheiro que, no decorrer da história foi entrando em nossas mentes também com o nome de capital? Quando se olha para a América Latina e África, por exemplo, parece que iremos todos para o céu deixando de lado este inferno que azucrina milhões de pessoas.

Tivemos de tudo, de governantes apocalípticos enriquecerem com a grana do povo (Fidel, Chaves, Maduro et cetera) até os que levaram as populações a imperdoáveis sofrimentos – quando não os dois no mesmo barco.

Radicais foram os governantes comunistas que acreditaram que exterminando o dinheiro, o capital, o capitalista da sociedade, Deus transferiria o paraíso para a terra e até eliminaria o juízo final. Diante do retumbante fracasso dessa doideira comunista mais malandros (russos e chineses), se apropriaram do capital dos respectivos países e botam o capitalismo a funcionar num esquema que deixaria o Al Capone encabulado.

Nesse vai e vem, de mata e ressuscita o capital, hoje a parte mais desenvolvida e menos injusta do Planeta está nos locais aonde as pessoas melhor souberam lidar com essa invenção milenar: o dinheiro

Daí a meditação sobre ações do Bolsonaro, avaliando se suas conversas fiadas poderão afetar os planos do Guedes – afinal, no frigir dos ovos, o que importa mesmo é acelerar medidas que gerem mais empregos e nos prepare para o futuro que chegou ontem e para isso precisamos desse capital cheio de manhas...



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

sujeira e epidemias

Lavem bem as mãos, repetem nossas autoridades hoje em dia!

Lavem bem as mãos antes de comer, ainda repetem diariamente a mamãe!

A impressão que fica é que na interminável guerra contra a sujeira lavar as mãos é a primeira providência essencial para a vitória. Mas não a única.

Desde sempre existe relação vital entre saúde humana e limpeza. Nesse sentido cada vez que vejo fogo do Estádio Mané Garrincha em Brasília me dou conta que nem sempre as autoridades fazem sua parte; ironicamente algumas só "lavam as mãos" de suas responsabilidades.

Anote aí: em 1900, a expectativa de vida no mundo era de 33,7 anos e pula para 75,4 anos em 2014. O que aconteceu? Vários fatores têm influência direta no aumento na expectativa de vida: saneamento ambiental (quer dizer, limpeza), alimentação, índice de violência, poluição, serviços de saúde, educação, entre outros.

O que chamamos de meio ambiente é complexo e a convivência entre humanos, animais, plantas e microrganismos exigem muitos procedimentos mas lavar as mãos ainda está entre as regras que impactam a saúde pessoal e até a saúde pública.

Gente, bichos (os que enxergamos e os invisíveis) e sujeira podem gerar relação explosiva para nós, tipo essa que vivenciamos agora com o coronavírus.

Poucas coisas são tão antigas quanto epidemias, a lista desses acontecimentos devastadores é muito longa. A peste negra (1343), por exemplo, transmitida por ratos, é uma das piores da história, matando entre 75 e 200 milhões de pessoas na Europa. A tal gripe Russa faz 1,5 milhão de mortos entre 1889-1890.

A Gripe Espanhola, que deixa marca até em Passo Fundo foi a mais devastadora do século XX, infectando, em dois anos, mais de 600 milhões de pessoas. Ela surgiu na Europa em abril de 1918, no final da Primeira Guerra Mundial, devido às precárias condições de saúde pública e saneamento básico deixadas pela destruição do conflito. A estimativa do número de mortes chega a 40 milhões em todo o mundo.

Na lista tem a gripe de Hong Kong transmitidas por aves criadas soltas (3 milhões de mortos entre 1968-1969), a gripe suína no México (o vírus sofre mutação e faz 17 mil mortos em 2009-2010), a gripe aviária (para frear a doença quase dois milhões de aves foram abatidas), gripe asiática em 1957-1958 (mais de 2 milhões de mortos) ...

Agora outra epidemia vem da China. Enquanto buscam chegar ao cerne da questão fico com um registro recente na área ambiental desse país: "a poluição da água afeta 75% dos rios e lagos chineses e 90% das águas subterrâneas urbanas, 28% dos rios são tão tóxicos que não servem nem para o uso agrícola. Além dos problemas de poluição, os aquíferos subterrâneos estão sendo esgotados; os usuários vêm cavando poços cada vez mais fundos, pondo inclusive em risco o abastecimento de Pequim, em razão da diminuição dos lençóis freáticos no Norte do país. "

Para não dizer que só olhamos os defeitos dos outros lembramos que nosso Brasil, trata apenas 45% do esgoto que produz. E quem adora essa falta de saneamento básico é a diarreia, a disenteria bacteriana, a febre tifoide, a cólera, a leptospirose, a hepatite A, a verminoses, a poliomielite... E continuamos jogando escoto cloacal no Rio Passo Fundo! A Organização Mundial da Saúde (OMS), diz que cada dólar aplicado em saneamento economizaria US\$ 4,3 em saúde. No Brasil a economia anual seria de R\$ 1,4 bilhão. E reduziria as chances dessas epidemias malucas.

Anthony Wong, um médico toxicologista e pediatra, diz que as consequências de ignorar o saneamento no país afeta principalmente os mais pobres. Entretanto, pode chegar até as classes mais altas como as epidemias de Dengue ou Zika... Óbvio, como faz o coronavírus hoje que nem médico perdoa...



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula, Bolsonaro, Lênin Mandela, Colling, Mânica

Ainda adolescente, creio que no Ginásio Três Mártires, em Palmeira das Missões, ouvi o professor, citando a Bíblia, dizer dessas frases que se perpetuam na memória: “as palavras convencem, os testemunhos arrastam”.

Como a mente voa sem controle uma enxurrada de nomes, circunstâncias, fatos vieram à mente nessa hora a partir dessa frase. Inclusive lembrei frase de seu Vincenzo, meu pai: “para conhecer realmente alguém é preciso comer um saco de sal junto.”

Às vezes fico com a impressão de que hoje ficamos mais no patamar do verbo – raramente raciocinamos e logo aceitamos, pela força do instinto tribalista, a palavra de qualquer um passando a abraçar causas esquisitas, estupidas, irracionais.

A coisa complica mais do que se imagina eis que a palavra pode produzir em nós o efeito de um litro de vinho: embriaga. Ou o efeito da droga: vicia. Ou levar à insanidade. Aí o efeito rebanho domina as mentes – do analfabeto ao doutor em filosofia. E a realidade e aquilo que chamamos de razão ou que chamamos de bom senso, vão pra ponte que caiu.

Repito: tenho impressão de que palavras, nestes tempos de inteligência artificial, estão arrastando e os testemunhos passando por crise no poder de convencimento.

Confira: o Brasil está dividido, basicamente, entre quem apoia Lula e quem apoia Bolsonaro. É a coisa mais estúpida que assisto desde a redemocratização. Não tem algo mais insano do que ser obrigado escolher um ou outro, como se apresentassem biografias de estadistas? Sejamos sinceros: que Brasil pode surgir efetivamente dessa escolha?

Ainda sobre palavras que arrastam: o que os professores ditos marxistas dizem em aula? Antônio Carlos Mazzeo mestre em sociologia, doutor em história econômica, pós-graduado em filosofia política disse na revista ‘filosofia-ciência&vida’ que Lênin formula seu conceito de ditadura do proletariado rente ao marxiano, enfatizando que essa ditadura, na verdade, “é mais ampla democracia possível sobre controle coletivo dos trabalhadores”. Ao impor seu conceito de democracia em 1918 Lenin mandou manter em algumas semanas mais gente do que czarismo na Rússia matou em 96 anos de vigência.

Entre os nomes que ilustram a frase que vem de João, na Bíblia (12:9-11), está o de Nelson Mandela, cara que fugiu de tribo para não casar com quem o rei exigia. Depois fica 27 anos na cadeia, dela sai sem ódio crendo no poder da negociação e destrói o odioso apartheid (ironicamente imposto em 1948 pelo pastor protestante Daniel François Malan então primeiro-ministro na África do Sul) se torna ícone mundial pela igualdade racial e ganha o Nobel da Paz de 1993.

Quer dizer, o exemplo ainda tem seu valor.

Mas vejam outro aspecto embutido nisso e que contribui para nosso cérebro cair em contradições e fazer escolhas equivocadas: uma pessoa pode fazer a diferença para o bem ou para o mal. O mundo trasborda de exemplos nesse sentido: Churchill, Hitler..

Fico com dois pequenos exemplos relevantes para o Norte gaúcho.

Agora em 9 de março comemoramos 50 anos de instalação da Faculdade de Medicina da UPF que teve papel chave para tornar Passo Fundo o terceiro polo médico do Sul do Brasil. Mas tem uma: se o então bispo diocesano, dom Cláudio Colling, não virasse a mesa exigindo que o Hospital São Vicente de Paulo criasse a tal de residência médica a Faculdade teria ido para Erechim...

Outro exemplo: se o presidente da Cooperativa Tritícola Algo Jacuí (Co-trijal), Nei Mânica, não desse ouvidos ao engenheiro agrônomo Gilberto Borges a Expodireto (que não vingara em Passo Fundo e Carazinho) não se tornaria esse evento de envergadura internacional na disseminação da tecnologia que vai tornando o Brasil um dos maiores produtores de grãos e carnes do Planeta. Claro, para alegria do Norte gaúcho e orgulho da comunidade de Não Me Toque, Nei e sua equipe tiveram a sensibilidade de captar a mensagem e 21 anos depois comemoram com foguetes o acerto dessa decisão!

Quer dizer, no frigar dos ovos nem tudo está perdido...

CONTRAPONTO

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Mercado capitalista e o consumo supérfluo!

Estamos com problemas porretas que angustiam a todos: guerras, fomes, doenças. Doutros da sociologia são taxativos: o capitalismo é a causa (mesmo aonde nem chegou?).

Nos lugares as necessidades básicas foram supridas berra-se contra o consumo supérfluo e, lógico, quem o estimula: o capitalismo. Lembremos que o dicionário define supérfluo como aquilo que ultrapassa a necessidade, que é mais do que se necessita.

As duas questões (problemas que angustiam e o quesito supérfluo) merecem atenção mas chutar que é coisa do capitalismo turva o entendimento, mascara as causas e não se vislumbra solução adequada.

Nessa do consumismo exacerbado pelo capitalismo ouvi de um douto pensador socialista que vivemos numa cultura de desejos. Só hoje em dia as pessoas desejam? Nas cavernas, nas sociedades nômades, nas sociedades egípcias e romanas, na China e na Índia antigas, na idade média não havia o desejo? Todos só comiam o frugal, bebiam água e ficavam no essencial? Nunca os seres humanos desejavam alguma coisa?

Foi o capitalismo que botou no DNA dos descendentes dos homens das cavernas essa loucura chamada desejo, inventou supérfluo e depois o consumismo?

Afinal o que é essencial e o que é supérfluo?

Picolé, sorvete, chicletes, chocolate, pirulito são coisas supérfluas? Cachaça, uísque, vodka, cerveja, guaraná, vinhos são coisas supérfluas? Batom, anéis, brincos colorares, seda, pérola são coisas supérfluas inventadas pelo capitalismo?

Os brincos, que fascinam as mulheres, são essenciais ou supérfluos? Eles existem desde 2.500 a.C. e na Bíblia em Êxodo 32:2: Tirem os brincos de ouro de suas mulheres, de seus filhos e de suas filhas e tragam-nos a mim." Na Ásia e no Oriente Médio, onde estão os primeiros registros eram usados para indicar uma posição social. Na África, os brincos têm significado mágico, ritualístico e religioso de uma maneira geral. Em outros lugares eram (assim com outros adornos) expressão da alma e símbolos de prosperidade e proteção.

As joias em geral que necessidade temos de usá-las?

A Bíblia, que veio bem antes do capitalismo parece reverenciá-las. Em Êxodo 35:22 lemos: "Assim vieram homens e mulheres, todos dispostos de coração; trouxeram fivelas, e pendentes, e anéis, e braceletes, todos os objetos de ouro; e todo o homem fazia oferta de ouro ao Senhor".

E as pérolas, o que dizer delas? Quantos morreram mergulhando águas profundas em busca de ostras? E anote esse detalhe (terrível?): as pérolas foram importantíssimas na economia da região do golfo desde os tempos antigos, e foram vitais para os negócios e atingiram seu auge na segunda metade do século XIX. Até onde uma pérola – essa coisinha que mexe com o imaginário – é supérflua ou essencial?

Afinal quem precisa de roupa de seda? Não basta ser de algodão ou rami? Criar o bicho para ter o tecido que deslumbra é hábito que tem 5.000 anos. Um dia os chineses saíram a mascatear (antes do capitalismo) e as tais Rotas das Sedas "foram vitais para o florescimento de grandes civilizações, como o Egito Antigo, a Mesopotâmia, China, a Pérsia, a Índia e até Roma e também a fundamentar o início do mundo moderno".

Então, pensando bem, nesse impulso de desejar coisas esquisitas, de venerar o supérfluo, de morar no centro da cidade mas comprar caixa de abelha em liquidação por que o preço é baixo podem existir motivações mais profundas, bem mais profundas, bem mais antigas do que o tal do capitalismo...



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O domínio do acaso

Não lembro bem a data, mas foi no século passado, que ouvi pela primeira vez uma frase dessas que se tornam emblemáticas: “quem sabem exatamente o que vai acontecer no amanhã pode estar muito mal informado”.

E indago: em que áreas da nossa vida se aplica tal assertiva?

Estamos sempre falando em planejamento (sem pensar pra frente tudo pode ser pior), ou seja, tentando sair do “achismo” definindo o caminho que vamos trilhar para alcançar melhores resultados pessoais e coletivos. No plano micro, como nas rotinas empresariais e escolares, por exemplo, que são coisas que estão no nosso dia-a-dia, não há como fugir para evitar a confusão.

Entretanto, numa passada de olhos na história veremos que, no plano macro, o acaso, o imprevisível, o fortuito redireciona os destinos das pessoas, dos países, mudam o rumo adotado por governantes até de modo dramático.

Fiquemos com o coronavírus!

Até novembro de 2019 a China e, óbvio o Planeta, caminhavam numa direção. As rugas entre Trump e Xi Jinping metiam medo em nossas mentes: os alarmistas falavam na possibilidade de confronto armado atômico entre os dois gigantes.

Quando entra dezembro tudo muda por causa de um ser invisíveis que a gente só confirma a existência por causa do microscópio inventado (ao acaso?) lá por 1700.

O que acordou essa fera microscópica que deixa o Planeta com as calças na mão? Vai saber! O certo é que estamos totalmente diferentes e os planos que vigoravam até novembro no mundo foram pro saco e junto foi, sem pompa, nossa soberba.

Quem previu algo assim? O que seria do astrólogo, do xamã ou da pitonisa, que arriscasse dizer que em março de 2020 a China estaria enviando equipamentos para ajudar os Estados Unidos a enfrentar o coronavírus?

O que dizer da penicilina que revoluciona a medicina e foi descoberta por acaso em 1928 por Alexander Fleming que ao sair de férias esquece placas com culturas de micro-organismos em seu laboratório no Hospital St. Mary em Londres?

Quem planejou a diverticulite que obriga trocar Tancredo Neves por José Sarney?

O que seria o cidadão que, em 1917, afirmasse: “o deputado Bolsonaro, radical integrante “baixo clero” da Câmara será eleito presidente do Brasil em 2018?”

Bolsonaro presidente? Seria tida previsão de mau gosto de quem gosta de apagar incêndio com gasolina. O autor do vaticínio seria massacrado por todos os lados: da esquerda até a direita. Uma previsão irracional, diriam...

Nessa linha tem a sentença de Yuval Noah Harari: “Nenhuma pessoa racional teria previsto que, em apenas 4 anos, os bolcheviques (então pequena facção radical russa) dominariam o país. E influenciariam o mundo”. Quem prevê a queda do Muro de Berlim?

Nos anos de 1970 pressão de Porto Alegre obriga a Arena local dar sublegenda ao então tenente-coronel da reserva Edu Villa de Azambuja para concorrer a prefeito. Como se tratava de candidatura lançada em sala de aula do curso de Economia da UPF não houve resistência, eis que as chances do cara eram nulas. Não mínimas, nulas, conforme analistas da época. Catando tango ele percorreu a cidade, ganhou e fez bom governo...

Afinal, o acaso nos governa? Pelo sim, pelo não neste tempo de confinamento as dúvidas aumentam mas não podemos perder a perspectiva otimista de dias melhores, pois quem tem certeza sobre o que o acaso nos reserva no amanhã?

P.S. Não é por acaso essa coisinha invisível tripudia o maior aparato bélico que o mundo já teve...



Uma pandemia em meio a desnecessário pandemônio

Uma pandemia/epidemia traz por si só incrível sofrimento geral, indistintamente. A humanidade sabe disso com muita clareza desde a antiguidade, pois elas são impiedosas com todos, não fazendo distinção sobre idade, sexo, classe social, cor da pele, ideologia, religião. E fazem mais vítimas do que as guerras.

Em regra uma nova realidade nasce depois que o período de uma pandemia passa e a dúvida é se algum dia estaremos equipados para evitar o pior. Elas continuarão vindo e indo pois segundo os panspermistas os germes dos seres organizados estão espalhados por todos os diferentes rincões da terra esperando “apenas que lhes promovam o desenvolvimento das circunstâncias favoráveis”.

Há quem diga que estamos sentados em cima de uma bomba-relógio sem noção de quando ela vai explodir. Diante de algo que explode e afeta inclusive o futuro o caos que a pandemia produz como se fosse furacão não deveria estar sendo potencializado por causa desse pandemônio que acompanha o coronavírus entre nós brasileiros.

Num país em pandarecos como nosso, que há décadas anda tastaviando entre esquerda e direita, entre democracia e ditadura, o panorama desolador que brota fica ainda pior quando nossas autoridades se postam sem que a gente saiba exatamente como se livrar e fugir da pantomina.

Neste momento a perplexidade também se expande ao acompanhar pelo rádio, TV, jornais, revistas alguns procedimentos/declarações das mais altas autoridades dos três poderes sendo avaliados por analistas como atos de pandilha.

Não há como, ao menos enquanto trilhamos as agruras que a pandemia desse coronavírus vai deixando por onde passa, fazermos um pacto para deixarmos o pancismo de lado até a retomada da normalidade nacional e internacional?

Qual é o caminho que vai produzir menos traumas em vidas humanas e destruição da economia? Como sair mais rápido da crise? Quem tem a capacidade de nos indicar o melhor caminho para quem está aflito?

Sabemos que não se trata de tarefa fácil mas uma autoridade com a empáfia de um pantólogo, nestas circunstâncias, pode exacerbar o resultado negativo ali adiante, com o que o senso do coletivo, a sabedoria da humildade, a capacidade aceitar que o outro pode estar com a razão devem ser a bússola a determinar o trajeto menos penoso. E, cá entre nós, isso não faz parte do panorama brasileiro deste momento.

Não existe pior momento para uma panofthalmite como este em que caminhamos por terrenos minados, por áreas pantanosas, por beiras de abismos: o pior cego é aquele que não quer enxergar!

Ao longo de milênios as pandemias (nos últimos 2.500 anos são mais de 150 eventos com milhões de mortos no Planeta) surgem de mansinho como se abrísssemos uma caixa de pandora que provoca eventos de difícil controle social – um controle que normalmente é sempre precário. E esta não é hora de soltar pandorgas.

Nesse clima pantatênico que se acentua dia após dia como compreender as motivações reais de quem decide pandegar, de quem faz panfletagens e/ou panelaços, que que só pensa em panatenéias e pancadões como se estivemos numa normalidade?

E o mais cruel, quem o cidadão leigo mas consciente deve escutar: o Ministro da Mandetta, da Saúde, que pede para ficarmos em casa ou o presidente Bolsonaro que circula pelas ruas como que debochando do próprio governo?

Comida chinesa: do morcego, cães e ratos ao hambúrguer

Quando soube da manifestação de brasileiros pedindo o retorno dos militares ao poder e que o presidente Bolsonaro foi lá discursar para os malucos não aguentei e me mandei para a China. Afinal, que país é este onde as pessoas pedem ditadura?

A China está entre as quatro culturas mais antigas junto com Egito, Babilônia e Índia, com o que não é simples dizer o que é a China. As coisas de lá sempre impactam o mundo. Os chineses inventaram tanto é difícil medir sua influência no Planeta: papel, pólvora, bussola, porcelana, macarrão, seda, álcool, sino, acupuntura, domínio, asa delta, sismógrafo, pipas, trem bala, comércio eletrônico...

Mesmo assim a vemos com preconceito. Agora com o Covid-19, então! Entre o que espanta está seu cardápio: rato, cão, morcego, cobra (quase tudo que voa, nada ou se arrasta) estabelecido em milênios em épocas de fome e "lastros na medicina tradicional"!

Hoje a sinofobia cresce por vários fatores: pelo coronavírus que veio de lá (como a peste bubônica no Século 19 e SARS em 2000) e a guerra econômica que assusta pelo desenvolvimento estrondoso após o chinês dar pontapé nos fundilhos da infame economia comunista para adotar a economia capitalista sem mandar a ditadura às favas.

Tudo é muito bonito na paz. Em tempo de guerra, seca, escassez, chuva, pragas como fica a ida à cozinha? Entre 1958 e 1962, 45 milhões morrem de fome pelo "Grande salto para frente" proposto pelo Partido Comunista do Mao Tse Tung. Nessa hora o bicho melhor amigo do homem vai para a panela e o morcego dá ensopado que mantém a vida.

Em termos ambientais a China de hoje virou desastre não muito diferente da nossa realidade quando se trata de água (superficial e subterrânea), ar e deposição de resíduos. Com o que, vamos ficar atentos, o Brasil não anda tão seguro quanto imaginamos.

Ler sobre a comida chinesa fascina. Na cozinha típica comida deve nutrir corpo e espírito, dar saúde e combater doenças. Para o taoista "a elaboração dos pratos deve ter presente o equilíbrio dinâmico entre yin e yang". O yin se refere à umidade, peso, frio, escuridão, maciez e yang tudo que é quente, leve, seco, claro, crocante.

Mas voltando: a partir de 2012 essa China do morcego se torna o maior mercado varejista do mundo e como os jovens começaram a mudar hábitos alimentares, ou seja a comer, como os ocidentais, o país de manhã será bem diferente. Essa mesma China que tirou da miséria cerca de 600 milhões em algumas décadas entra num processo que logo adiante será definido como revolucionário pelos sociólogos.

Numa população de 1.400.000 de seres vivos comilões empresas como Nestlé, Danone, Heineken, Coca-Cola, PepsiCo, McDonald's, Cargill, Bungue fazem a festa e estão, nem tão sutilmente, sepultando uma cultura milenar sem choro e sem vela...

A mudança no padrão alimentar (trocar sopa de morcego por hambúrguer é genial) que vai açabarcando crescente número de pessoas já afeta a saúde do chinês: o "vírus" da hipertensão, da obesidade, do (da) diabetes vai fazendo cruel e silencioso estrago.

Nesse contexto o que me chama a atenção é quando se trata de meio ambiente: a gente já não tem muita moral para criticar os chineses que, sim, recém começam a reagir para os estragos que perpetraram em seu território. Além do mais, seria interessante que a gente parasse para avaliar o que muitos andam comendo aqui no Brasil...

Sobre o coronavírus se espalhar desse de modo são várias hipóteses, entre elas burrada em laboratório de pesquisa e a sopa de morcego. Creio que não se pode descartar o efeito dessa ditadura férrea do país que amordaçou o médico que aler-



Ivaldino Tasca

jornalista | itasca@uol.com.br

Maracanã, Elite, Oásis, Nápole, Barranco, Boka...

O momento exato do surgimento da taberna, pub, bar, restaurante ou estalagem – esse tipo comércio de bebida, comida, pouso – ninguém estabeleceu. Mas é coisa antiga. O local que reúne homens, mulheres, idosos, casais, namorados, jovens de todos lugares, com histórias pessoais diferentes para interagir descontraidamente comendo e bebendo vem dos primórdios da humanidade.

Há que diga que o primeiro boteco foi aberto por consumidores do hidromel, tida como a bebida alcoólica mais antiga do mundo com registro de consumo de 10 mil anos atrás. De fácil elaboração – fermentação natural de mistura de mel e água –, era a escolha mais comum dos povos antigos para encher copos (tinha copo?) e bater um papo.

Estudiosos de diferentes áreas garantem que entre as necessidades humanas vitais está a taberna/pensão, ou pub, ou bar, ou restaurante (churrascaria/lancheria). É tema para novos estudos essa prática de sentar, beber, comer, conversar, conservar, conversar.

Mais: enquanto esse segmento empresarial impacta o Produto Interno Bruto (PIB) de municípios, de Estados, do País? Quantas pessoas em Passo Fundo ganham a vida propiciando que gente de todos os recantos possa sentar, beber, comer e conversar?

Nesse contexto alguns desses negócios tem vida curta, outros longa, dependendo da qualidade oferecida e do carisma, da empatia, da sensibilidade, do talento e do prazer de agradar pessoas que o dono possuir. A máxima do dono de estabelecimento dessa natureza é fazer o cliente se sentir como rei. Ponto final. Digo mais: o atendimento, a comida e a bebida pesam bem mais do que instalações sofisticadas.

O Edu do Boka – o Eduardo Otto Wentz, jovem que veio de Panambi e fez história – era do ramo e provou ao começar num pequeno cubículo na rua Independência. O Boka não era apenas um negócio... Décadas depois a fama do “X” (e outros pitéus) não respeita fronteira, vira grife e visitar Passo Fundo sem conhecer o Boka ficou fora de questão.

Hoje dá para dizer que além do trem, hospitais, escolas secundárias, cervejaria, UPF, do Cassino Palácio ou da Maroca, boates, atacadistas e frigoríficos essa plêiade de bares, restaurantes, hotéis foram essenciais para nos consolidar como Capital do Planalto.

Quando cheguei aqui, no início dos anos de 1960, tratei logo de ganhar uns trocos para o famoso filé com fritas e chope Brahma no Restaurante Maracanã, ao lado dos Correios. Não dava para ser considerado gente sem o pastel e o cafezinho do Café Elite de um ao lado da Catedral eis que do outro tinha (ainda tem) o indefectível Bar Oásis.

Tarde da noite, com sede, fome e muito o que conversar aonde ir? Claro, no Bar Gaúcho, na avenida Brasil, quase esquina da General Netto, para um bife com ovos... Outro ponto de dar água na boca foi a Cantina Nápole e o incrível filé à parmegiana da dona Olga. Teve ainda as churrascarias do Jeremias, Gaúcha (do Vincenzo e do Aquiles), Primavera! Tem quem lembre do Corujinha, Aguadero, Roda-Viva, City, Sonora, dos hotéis Internacional, Glória, do Comércio, Avenida, Brasil...

Alguns desses estabelecimentos acabaram grudados ao nome as cidades, como os que mencionei aqui de Passo Fundo e o Gambrinus, Copacabana, Barranco e Walter em Porto Alegre, para citar quem está na ativa. O Spaghettilândia fez história, como o Hotel Maroso e o Café Natal em Palmeira das Missões.

Passo Fundo tem belíssima tradição no setor de comes e bebes e a variedade de hoje é incrível. Entre os que podem ser conferidos estão Franz, Chico, Mango's, Natus, London, Trattoria Toscana, Panorâmico, Claudião, Quinta do Conde, Don Gentil, Mac Leth, General 904, Bella Veneto... Como ando saindo pouco devo ter esquecido muitos!

E agora só imagino o papo do Edu, lá no alto, com os colegas que foram antes: quem, mais do que eles, tem tantos acontecimentos, momentos, histórias – alegres ou tristes – para rememorar? Queiramos, ou não, raros são os locais aonde a vida pulsa com tanta intensidade como esses aonde as pessoas sentam para beber, comer e conversar – e bota conversar nisso!



Ivaldino Tasca

jornalista
itasca@uol.com.br

Concluir obras inacabadas é questão de bom senso

A quantidade de bobagens já feitas e/ou ditas pelo presidente Jair Bolsonaro é impossível definir. Ele nem se importa com isso, eis que a oposição, até este estágio da vida nacional, ainda se encontra nocauteada e está sob contagem.

Desse modo Bolsonaro fica dando tiros e mais tiros no próprio pé porque se sente todo poderoso, sabe que ainda não surgiu alguém capaz de fritá-lo em 2022 e assim pinta e porta como lhe dá na telha.

E enquanto ficarmos nessa de achar que o brasileiro deve optar, necessariamente, entre ser bolsonaristas ou lulista 2022 pode nos reservar outra presepada.

Agora, criticar o presidente, como alguns estão fazendo, porque decidiu priorizar a conclusão de obras inacabadas de governos anteriores antes de iniciar novos projetos é tolice. Isso nem é questão de inteligência, trata-se tão somente de bom senso.

Uma das causas da nossa pobreza, das nossas dificuldades, está nisso, ou seja, cada presidente que assume só pensa em projeto de governos, raramente dá importância para projetos de Estado. Isso não é de agora, vem de longe. Assim, na prática, no frigar dos ovos, o que menos importa é o interesse de Nação.

Ou vocês acham que se tivéssemos projetos de Estado em educação, saneamento e saúde estaríamos nesse caos que envolvem os três setores?

Finalmente o Bolsonaro mostra bom senso ao dizer que primeiro vai terminar o que foi começado para depois iniciar outros empreendimentos. "O nosso governo, antes de obras novas, quer concluir obras inacabadas há 10, 20, 30, 40 anos" – disse ele

Anotem no caderno: temos mais de 14 mil obras paralisadas no país envolvendo contratos no valor de R\$ 144 bilhões, de acordo com um relatório de dezembro de 2019 do Tribunal de Contas da União (TCU).

Tal número mostra que o Brasil deve estar em primeiro lugar no Planeta entre os "canteiros de obras de elefantes brancos".

Esse levantamento foi feito em 38.412 obras financiadas com recursos da União, incluindo escolas, creches, postos de saúde, edifícios administrativos, instalações esportivas, rodovias, ferrovias, portos e usinas, entre outros. Isso sem contar obras que estão paradas nos Estados e até em alguns municípios.

Mais doloroso ainda: são milhares obras que não foram concluídas mas que já serviram para encher o bolso de administradores inescrupulosos nesse esquema corrupto que se grudou como carrapato em boa parte da administração pública.

O ministro de Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, admitindo que o governo está, sim, inaugurando obras de governos anteriores disse: "Sempre se questiona ou critica a falta de continuidade dos governos. Terminamos obras de outros governos. Que bom. Não podemos reinventar o Brasil a cada quatro anos. Infraestrutura é uma questão de Estado, é uma questão de longo prazo".

A nossa preocupação, agora, dever ser com o futuro do ministro Tarcísio pois se ele ganhar muita visibilidade por trabalhar com eficiência o Bolsonaro pode fazer o que fez com o seu primeiro ministro da Saúde e com seu primeiro ministro da Segurança.

Bolsonaro não suporta sombra, então o Tarcísio que se cuide, assim como a Teresa Cristina, da Agricultura...



Ivaldino Tasca

jornalista | itasca@uol.com.br

Algum dia teremos um estadista na presidência

Sonhar não custa nada, diz a canção! Qual é o sonho? Singelo: algum dia sermos governados por estadista. São incontáveis as definições de estadista, todas passando a ideia de cidadão competente preocupado em fazer o melhor para seus governados.

E deve ser algo importantíssimo pois desde uns 300 anos antes de Cristo já havia preocupação a respeito. Para o filósofo grego Aristóteles "o que o estadista mais quer produzir é um certo caráter moral nos seus concidadãos, particularmente uma disposição para a virtude e a prática de ações virtuosas".

Já para diplomata e filólogo Antônio Houaiss "Estadista ou homem de Estado, é pessoa versada nos princípios ou na arte de governar, ativamente envolvida em conduzir os negócios de um governo e em moldar a sua política; ou ainda pessoa que exerce liderança política com sabedoria e sem limitações partidárias."

Sonho!?

Teoricamente se tivéssemos passado por sucessivos estadistas governando (cara tipo Nelson Mandela, por exemplo?) não estaríamos nessa angustiante e caótica situação.

A instabilidade é nossa marca registrada. Entre 1920 e 2020 o Brasil saltou de 30 milhões para 210 milhões de brasileiros sem que governos sérios conduzissem a Nação.

Nesse período, entre outras crises azucrinando o País tivemos a Revolta dos 18 do Forte (1922), Coluna Prestes, (1923/25), Revolução Paulista (1924), Revolução de 1930, Revolução de 1932, Intentona Comunista (1935), Movimento Messiânico (1937), Golpe de 1937, Intentona Integralista (1938), Golpe de 1945, Golpe Militar de 1964.

Somos rabugentos, sempre estamos reinando com alguém.

Agora mesmo em plena pandemia que já levou aos cemitérios mais de 130 mil brasileiros tem faltado serenidade para tratar das dramáticas questões que nos afetam.

Parece que estamos anestesiados e já nos acostumamos com os números que nos colocam nos primeiros lugares no mundo quando se trata coisa ruim: de homicídios ao analfabetismo, violência contra mulher e crianças, famintos, desempregados, corrupção...

Estamos acostumados com a morte, com a violência, com a injustiça que 130 mil a mais ou 130 mil a menos por causa de uma doença parece não fazer diferença.

Quando saímos da ditadura havia a expectativa que o novo Brasil renasceria a partir da decantada redemocratização. Quanta decepção!

E nem falo em José Sarney, acidente de percurso que tisonou a nova trajetória tão aguardada. A meleca inicia com o carioca (das Alagoas), Collor de Melo o caçador de marajás que engambelou geral. Governa, até ser apeado, olhando para o umbigo.

A seguir FHC, outro carioca fissurado no umbigo que fez a bobagem de mudar a Constituição permitindo reeleição do presidente; outro dia ele pediu perdão pela burrada.

O que falar do pernambucano Lula e da mineira Dilma que nos entregam um país com a corrupção comendo nossas entranhas e um paternalismo horroroso?

Quanto ao paulista Bolsonaro, negacionista que dinamita até o que faz de bom pensando no próximo mandato é melhor esperar para contabilizar os estragos. E o sonho dele mais recene é poder tomar cerveja com o cara que ele indicar para ser ministro do Supremo Tribunal Federal.

Tenho pensado no seguinte: que projetos de Estado os governantes brasileiros executaram desde a redemocratização? Talvez o SUS imposto pela Constituição de 1988?

Pois é, essa trajetória de cem anos comprova que nossos governantes mais pensam neles mesmos e nos seus do que na Nação. Por que? Talvez porque não consigam evitar os humores afrodisíacos que o poder injeta neles...

✓ **HOME OFFICE**
MAIS PRODUTIVO
✓ **CANTINHO**
DO ESTUDO
ORGANIZADO

AQUI TEM TUDO PARA DEIXAR SEU DIA A DIA MAIS PRÁTICO

LOJAS
Catia

☎ 04 3313-2199 ☎ 04 9182-9772
@lojascatia facebook.com/lojascatia



CONTRAPONTO Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sem regras duradouras nosso Brasil se arrasta

As coisas no mundo da política brasileira se assemelham a essas séries na televisão que nunca chegam aos finalmente. O enredo é planejado de tal modo que sempre é possível acrescentar algo conforme a criatividade ou delírio do autor e do diretor. E nós, presos à expectativa do final, somos reféns sem poder mudar nada.

Há uma certa instabilidade em vigor, uma espécie de Maria via com as outras sem que se saiba ao certo por quais objetivos e aonde vai desembocar.

Quando isso ocorre em Brasília, tudo é feito para confundir.

Quem sabe quantos ministérios existem para cuidar dos interesses dos brasileiros? Tem algo mais bagunçado não saber qual o funcionário que tem parte de responsabilidade em nossas vidas?

Em apenas 24 anos – do governo Collor passado por Itamar, FHC e Lula até o governo Dilma – o número de ministérios sobe de 12 para 39. Parece brincadeira! .

O que há por trás dessa exorbitância. Por quais fatores tivemos que efetuar essa monstruosidade? Pura sacanagem! Pode existir irresponsabilidade maior do que isso?

Quantos projetos de Estado foram executados no período? Vivemos só de projetos oportunistas de Governos revelando a inexistência de estadistas preocupados com nosso destino e as causas de estruturas de educação e saúde ineficientes.

Já fizemos sete Constituições, e “alguns consideram como oitava a Emenda nº 1, outorgada pela junta militar, à de 1967, que teria sido a Constituição de 1969”. Só para azucrinar: a constituição americana é de 1767.

Outra coisa: a nossa jovem Constituição de 1988 já recebeu 105 emendas. Óbvio que alguma coisa maluca está em pauta. Apenas para azucrinar: em 252 anos a jovem constituição dos Estados recebe 27 emendas. Sutilezas como essas, talvez, tenham ajudado aquele país de colonos se tornar a primeira potência econômica do Planeta...

Quantas leis existem no País? Ninguém sabe. Anotem esta: desde a promulgação da Constituição de 1988 União, Estados e Municípios editaram mais de 5,4 milhões de normas e leis segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributação (IBPT).

Tem alguma democracia que suporta 35 partidos políticos em funcionamento e outros 66 na sala de espera do TSE? Hoje, nesse quadro, já se fala no custo financeiro para se obter maioria em questões de interesse nacional. Tudo tem seu preço entre nós.

No Brasil – e na América do Sul – o presidente mal assume seu primeiro mandato e já vai fazendo planos para não deixar o poder tão cedo. É algo do mundo do absurdo.

É praga nossa que leva à instabilidade, que por sua vez afeta o desempenho da economia e nunca consegue consolidar uma geração que tenha regras duradouras para se preparar ao exercício da cidadania.

Não tinha passado dois meses de governo e 2022 já estava na cabeça de Bolsonaro. E ele termina o ano acenando com uma chapa imbatível com Sérgio Moro de vice. Como se governa com serenidade e seriedade com olho no próximo mandato?

A Constituição de 1988 estabeleceu cinco anos sem reeleição para o Presidente mas logo adiante o FHC fez barro e consegue mudar para quatro anos com reeleição. Por quê? Por causas das forças afrodisiacas embutidas no poder! Lula escolheu o poste Dilma - e errou o pulo – para logo voltar ao poder.